

UM RELATO SOBRE CORPOS NEGROS FEMININOS EM ARTES VISUAIS PELA VIA DO PÓS-COLONIALISMO

A REPORT ON WOMEN'S BLACK BODIES IN VISUAL ARTS THROUGH POST-COLONIALISM

Walace Rodrigues¹

RESUMO

Este trabalho se coloca como um relato de experiências ocorridas durante as classes da disciplina de Arte e Educação em um sexto (6º) período de Pedagogia. Ele busca mostrar como é possível que os acadêmicos se beneficiem com as observações das obras de arte e reflexões sobre essas obras, como no caso específico deste relato, das obras da artista plástica norte-americana Kara Walker. Sua obra abre-nos a possibilidade de pensar criticamente sobre todo o período escravocrata nas Américas e nos leva a refletir acerca das várias formas de escravidão e preconceitos ao qual o corpo negro e feminino está submetido. Além disso, seus trabalhos nos fazem considerar novas formas de abordagens para a compreensão em artes visuais, sendo uma destas formas a pós-colonialista. Ainda, em conjunção com as obras de Kara Walker, foi apresentado o filme “A cor púrpura”, lançado no ano de 1985 e dirigido por Steven Spielberg. Este filme nos ajuda melhor a compreender as várias situações de submissão das mulheres negras, mesmo depois do fim da escravidão nos Estados Unidos da América. A principal personagem da trama é uma mulher negra e pobre, chamada Célia (interpretada por Whoopi Goldberg), que vive em situações difíceis e causadas por seu marido.

Palavras-chave: Corpos negros. Kara Walker. Escravidão. Arte-educação. A cor púrpura.

ABSTRACT

This paper is an experience's report of what occurred during the Art and Education classes at a sixth (6th) period of a Pedagogy high education course. It aims to show how it is possible for academic students to get intellectual benefits from the observations of artworks and to reflect about these works, as in the specific case of this report, relating to the artworks by north American plastic artist Kara Walker. Her artworks open to us the possibility to think critically about the slavery period in the Americas and take us to reflect about the various forms of slavery and prejudices that the feminine black body is submitted today. More than that, her works take us to consider new ways of intellectual understandings in visual arts, being one of these ways the post-colonialist possibility. Even more, in

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (*lato sensu*) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá – SP. Pós-graduado (*lato sensu*) em Cultura e Literatura pela Faculdade São Luís – SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Tocantins – UFT – CAPES/CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: walace@uft.edu.br

conjunction with the works of Kara Walker, it was presented to the students the movie “The Color Purple”, released in 1995 and directed by Steven Spielberg. This movie helps us to better understand the various situations of submission of black women, even after the end of slavery in the United States of America. The main character of this movie is a poor and black woman, named Célie (played by Whoopi Goldberg), who lived through difficult situations caused by her husband.

Keywords. Black bodies. Kara Walker. Slavery. Art-education. The Color Purple.

INTRODUÇÃO

Durante as aulas da disciplina de Arte e Educação ministradas para a turma de sexto (6º) período do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Tocantinópolis, buscamos uma aproximação entre o pós-colonialismo que caracteriza o artigo da arte-educadora Ana Mae Barbosa intitulado “Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular”, de 1995, com as imagens das mulheres negras nas obras artísticas selecionadas.

Em tal artigo, a Barbosa busca mostrar como chegou à sua conhecida metodologia conhecida como Aprendizagem Triangular, um mecanismo conceitual e prático muito utilizado no campo da arte-educação e pensado por ela para a realidade específica do Brasil.

Assim, através de uma análise historiográfica da formação da cultura brasileira, ela chega a seu foco pós-colonialista de desconstrução e reformulação dos métodos empregados no ensino das artes plásticas no Brasil. Neste sentido, tal artigo foi mobilizado para iniciar nossa análise sobre o pós-colonialismo nas Américas através de duas obras de arte escolhidas.

O uso do filme “A cor púrpura” e das obras de Kara Walker acompanham essa reflexão pós-colonialista de Ana Mae Barbosa e tenta fazer pensar especificamente sobre a realidade cultural brasileira e sobras as relações étnico-raciais nas artes, principalmente após a abolição da escravatura.

Este texto tem como suporte para nosso relato de experiências uma bibliografia ligada à temática pós-colonialista, além de dois filmes e uma obra de arte visual. Tal material nos ajudou nas aulas aqui relatadas e na confecção deste texto.

PENSANDO SOBRE PÓS-COLONIALISMO E CORPOS NEGROS NAS ARTES

Começamos a pensar sobre o pós-colonialismo enquanto mecanismo de desconstrução de

discursos eurocêntricos brancos e masculinos, pois pós-colonialismo busca trabalhar no espaço das diferenças, articulando bem ensaiadas oposições e as desarticula. Esse movimento de quebras de estereótipos e preconceitos é um dos objetivos de tal corrente de pensamento.

Para melhor esclarecer o que é o pós-colonialismo enquanto forma de análise cultural, colocamos aqui uma passagem de Marita Sturken e Lisa Cartwright (2005) sobre o que é esta teoria:

Pós-colonialismo - Um termo que se refere ao contexto cultural e social de países que foram formalmente definidos nas relações de colonialismo (ambos colonizado e colonizador), na mistura contemporânea de antigas colônias, neocolonialismo, e no colonialismo que persiste. O termo “pós-colonial” se refere a um vasto número de mudanças que têm afetado esses países e, em particular, às misturas de identidades, línguas e influências que têm resultado de sistemas complexos de dependência e independência. Contextos pós-coloniais, assim sendo, podem ser identificados nas antigas colônias da Inglaterra como, também, dentro da própria Inglaterra. A maioria dos teóricos do pós-colonialismo insiste que a quebra do antigo modelo colonial nunca foi completado, e que não coloca um fim às formas de dominação entre países mais ou menos poderosos. (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 362, tradução nossa).

Após a leitura do texto de cunho pós-colonialista de Ana Mae Barbosa, foi apresentado o filme dirigido por Carla Camurati intitulado “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”, de 1995. Apesar de todas as falhas históricas do filme, Camurati deixa-nos ver, de maneira satírica, como aconteceu o traslado da corte portuguesa para o Brasil, em 1807, e a situação da colônia à época da chegada da família real.

Este filme em si representa um momento marcante do cinema brasileiro, pois é o primeiro filme da época chamada de “retomada” do cinema nacional, onde vários filmes, geralmente cômicos e de baixo custo, chegaram a um imenso público nacional. Utilizamos aqui uma passagem de Carla Camurati no livro “O cinema brasileiro no século XX” sobre o financiamento do filme e sobre as leis de incentivo à cultura:

O “Carlota Joaquina” não tem lei nenhuma, foi absolutamente patrocinado com dinheiro de marketing das empresas. É engraçado que, apesar de ter sido pouco dinheiro, foi uma atitude super corajosa das empresas, porque era um momento em que não se estava investindo em cinema. Ele está associado à retomada do cinema brasileiro, muito mais pela reação dele com o público. O legal é que seu sucesso comprova que uma empresa pode investir, num filme que pode ser eterno, dinheiro que seria jogado num anúncio de revista semanal. (CARMURATI *apud* NICOLAS, 2004, p. 137).

O uso do filme “Carlota Joaquina” em relação ao texto “Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular”, de Ana Mae Barbosa, foi a chave para começarmos a trazer à tona as relações entre obras literárias e obras cinematográficas. As relações significativas analisadas entre

texto e filme davam base a uma análise da cultura brasileira através das artes.

Buscamos utilizar o pós-colonialismo descrito por Barbosa para pensar o que havia na obra cinematográfica que pudesse mostrar sobre o perigo do colonizado de naturalizar um discurso etnocêntrico. Já que o colonizador é, de algum modo, investido de poder pelo colonizado.

Como nos diz Ana Mae Barbosa (s/d) em seu texto “Arte, Educação e Cultura”, o uso de obras de arte (sejam elas cinematográficas, literárias, plásticas, sonoras, cinéticas, etc.) em educação são um meio privilegiado de conhecimento cultural:

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. (BARBOSA, s/d).

Assim, como nos deixa ver Barbosa na passagem acima, os códigos europeus brancos, principalmente os eruditos, são os que nos servem de referência aqui no Brasil, enquanto país em desenvolvimento. Isso ocorre apesar de todos os avanços legais em relação à inclusão dos negros e indígenas nas universidades e do ensino obrigatório sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas. O Brasil ainda é um país de relações assimétricas de poder entre ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, etc.

Dando seguimento a este pensamento sobre as relações étnico-raciais no Brasil, utilizamos um filme dramático norte-americano intitulado “A cor púrpura”, de 1985, com direção de Steven Spielberg e baseado em um romance da escritora afro-americana Alice Walker. O referido filme trata sobre discriminação racial e sexual no sul pós-escravatura dos EUA. Os principais atores deste filme são figuras femininas e negras: Whoopi Goldberg (como Célie), Margaret Avery (como Shug Avery) e Akosua Busia (como Nettie).

Tal filme tem como locação o estado norte-americano da Geórgia, em 1906. Vale lembrar que a escravidão foi abolida nos EUA em 1863, através da Proclamação de Emancipação de Abraham Lincoln, durante a Guerra Civil Americana, e que vários negros morreram nesta guerra. O filme retrata a separação, o amor de duas irmãs, o abuso contra a mulher negra, a amizade entre as mulheres, a discriminação contra negros, entre outros tópicos.

Tal filme nos serviu para mostrar que a mulher negra, apesar de abolida a escravidão, ainda era maltratada, usada ao mesmo tempo como escrava e companheira, submetida aos abusos masculinos do pai e de marido. Muitas dessas situações persistem em várias sociedades, incluindo a brasileira.

A presença de Oprah Winfrey (como Sofia) no filme, uma grande defensora dos direitos das mulheres negras, reforça o caráter feminino desta produção cinematográfica. Os personagens masculinos do filme são apagados e desrespeitosos em oposição às personagens femininas doces, talentosas e trabalhadoras. Neste sentido, o filme busca ressignificar as relações de poder pela via do feminino, revelando-nos outras formas de sobrevivência em uma sociedade racista, misógina e ainda com pensamento escravocrata.

A partir das discussões em classe sobre o filme “A cor púrpura”, que emocionou os acadêmicos sobremaneira, passamos a mostrar imagens de algumas obras da artista plástica norte-americana Kara Walker, focando em suas obras de silhuetas negras para fomentar a discussão e a reflexão sobre as relações étnico-raciais.

Kara Walker, artista plástica renomada, nascida em 1969, é uma afro-americana que explora em suas obras temas como gênero, raça, sexualidade, identidade e violência. Ele é bastante conhecida por suas obras de silhuetas recortadas em papel negro e coladas contra superfícies brancas, como um mural. Walker tem formação universitária em Artes e seu primeiro trabalho que veio à atenção dos críticos foi o mural de 1994 intitulado “Gone, An Historical Romance of a Civil War as It Occurred Between the Dusky Thighs of One Young Negress and Her Heart.” (Idos, Um Romance Histórico da Guerra Civil como Ocorreu entre as Coisas Sombrias de Uma Negra Jovem e Seu Coração, tradução nossa). Colocamos a seguir uma figura de uma das obras de Kara Walker utilizando a técnica dos recortes de silhuetas:



Imagem 1 – Mural de Kara Walker intitulado “The Means to an End – A Shadow Drama in Five Acts”, de 1995. Traduzindo o nome da obra: Os Meios para o Fim – Um Drama de Sombras em Cinco Atos, tradução nossa.

Como podemos ver na imagem da obra de 1995 intitulada "'The Means to an End – A Shadow Drama in Five Acts' (Os Meios para o Fim – Um Drama de Sombras em Cinco Atos, tradução nossa), Walker privilegia o discurso visual através do foco em corpos negros femininos, pela via da utilização de silhuetas negras, para descrever cenas de abuso. Os cinco atos descrição podem ser vistos na imagem¹: 1- Um menino branco pendurado à teta de uma negra; 2- Uma menina branca sobre um animal; 3- Uma mulher branca pulando sobre cabeças de meninos negros; 4- Um negro que se afoga ou pede; e 5- Uma menina negra sendo suspensa pelo senhor branco.

As obras de Walker se utilizam das representações dos corpos negros e brancos recriados em silhuetas negras, como que dando uma visão, como em um sonho, através dos olhos e das mentes dos negros abusados. A moral narrativa da artista pode parecer chocante a alguns espectadores, porém é contundentemente forte enquanto discurso visual e se relaciona a várias outras obras artísticas, como é o caso do filme “A cor púrpura”.

Além disso, Walker utiliza-se da representação do corpo como mecanismo de construção poética e crítica. Ela questiona a sociedade racista norte-americana e a falta de oportunidades para os negros nas sociedades antes escravocratas. O discurso confrontativo de Walker reflete verdades não-faladas, pouco discutidas e situações limites sobre gênero e a folclorização do sul norte-americano, área de predominância dos negros naquele país.

Sabemos que o uso do corpo enquanto instrumento de fundo discursivo é bastante utilizado em artes, desde as primeiras estatuetas encontradas, como a Vênus de Willendorf, uma estatueta paleolítica de cerca de 2000 a.C., representando o corpo de uma mulher com volumosos seios, vulva e barriga.

A arte clássica estava cheia de corpos representados de maneiras as mais proporcionais possíveis. Também, o corpo foi, e ainda o é, usado como suporte nas pinturas corporais indígenas e nas performances ocidentais. Enfim, a utilização do corpo enquanto instrumento para passar uma mensagem artística não é algo novo, porém a contundência da utilização de representações de corpos negros femininos nas obras de Kara Walker marcam o ponto de partida para uma crítica de arte coerente com temas ligados às discussões sobre raça, sexualidade, gênero, identidade e violência colonial.

Walker ainda trabalha, para além da técnica dos murais de silhuetas negras, com guaches, animações em vídeo, projeções de “lanterna mágica”, entre outras técnicas. Seu trabalho é muito

1 Esta interpretação dos atos visuais na figura são interpretações do autor deste trabalho.

utilizado pelos intelectuais ligados ao feminismo, ao pós-colonialismo, aos direitos dos afrodescendentes, entre outros grupos.

Ainda, as obras de Walker remetem à contundência discursiva de Andy Warhol durante o período da Pop Arte norte-americano. Warhol criou uma série de trabalhos de cunho explicitamente erótico que chocou a sociedade puritana dos EUA, buscando um enfrentamento intelectual muito próximo ao que busca Walker.

Também, as obras de Walker nos levam inevitavelmente a uma análise pós-colonialista de seus trabalhos e das situações de exclusão e segregação, como no caso da resposta tardia às populações afrodescendentes durante a catástrofe causada pelo furacão Katrina, em 2005, que atingiu em cheio a cidade de Nova Orleães. A artista criou a obra “After the Deluge” (Depois do Dilúvio, tradução nossa) em resposta ao descaso das autoridades em relação às populações negras e pobres atingidas pelo referido furacão.

Assim, Walker desvenda os meandros do racismo norte-americano através de suas obras, mostrando de maneira criticamente clara a insistência que uma verdadeira quebra do antigo modelo colonial nunca foi finalizado, como nos mostrou Spivak.

Utilizamos, aqui, um trecho da intelectual indiana Gayatri Spivak (1996) sobre o que se deseja com esse mecanismo de leitura do mundo pela via pós-colonial, mecanismo este também utilizado por Kara Walker:

[...] desde que uma “leitura das contradições²” tem que continuar estratégica, ela não pode nunca alegar ter estabelecido a verdade autoritativa de um texto, ela tem sempre que permanecer dependente de exigências práticas, nunca legitimadamente levando a uma ortodoxia teórica. No caso do grupo dos Estudos Subalternos, ela deveria tirar o grupo da perigosa esquina de pretensão de estabelecer o conhecimento verdadeiro do subalterno e sua consciência. (SPIVAK, 1996, p. 226, tradução nossa).

Continuando a pensar as obras de Walker pela via pós-colonialista, podemos considerar que ela tenta desconstruir a imagem de democracia racial norte-americana utilizando-se, para isso, de suas obras de artes visuais.

Vale esclarecer que o termo “desconstrução”, termo este cunhado pelo filósofo francês Jacques

2 A expressão que utiliza Spivak é “reading against the grain” e que não tem tradução literal para o Português, porém significa algo como tentar ler o texto através de suas contradições ideológicas, de seus conflitos discursivos e das relações entre os personagens, obras e espectadores.

Derrida, trabalha com uma metodologia negativa e que no campo pós-colonialista é largamente utilizado por vários intelectuais e pesquisadores. Nas palavras de Spivak (1996) “desconstrução” é:

Desconstrução não diz que não há sujeito, que não há verdade, que não há história. Ela simplesmente questiona os privilégios de identidade de alguém que acredita ter a verdade. Ela não é a exposição do erro. Ela está, constante e persistentemente, buscando como as verdades são produzidas. Daí o porquê que desconstrução não diz que logocentrismo é uma patologia, ou que fechamentos metafísicos são algo de que você pode escapar. Desconstrução, se alguém necessita uma fórmula, é, entre outras coisas, uma crítica persistente do que uma pessoa não pode não querer. (SPIVAK, 1996, p. 27-28, tradução nossa).

Assim sendo, as obras de Kara Walker, através do uso de representações de corpos negros em situações perturbadoras que alicerçam seus trabalhos, fundamentados por uma análise pós-colonialista, deixam-nos ver a importância do uso das obras de arte atuais na formação de uma visão crítica da atualidade e, mais especialmente, das relações étnico-raciais aqui e em várias partes do mundo.

Também, o filme “A cor púrpura” revela-nos que, apesar de a escravatura ter sido abolida nos EUA, as mulheres sempre estão sempre sendo colocadas em situações subalternas aos homens. Nesse sentido, pensar tal filme a partir de suas personagens femininas nos faz valorizar os relatos alternativos aos discursos hegemônicos masculinos de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos deixar ver que as aulas de arte-educação devem levantar questões críticas sobre o mundo em que vivemos através das mais variadas criações artísticas da humanidade. Neste sentido, as obras de Kara Walker nos abrem uma porta às situações de conhecimento para além das fronteiras brasileiras, discutindo questões atuais e que refletem, também, nossa realidade. Utilizamos, aqui, uma passagem de Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006) para esclarecer que o conhecimento nos faz conhecedores de outras formas de ver o mundo e nos enriquece intelectual e eticamente:

[...] conhecer vai além da capacidade de enxergar ou de ouvir. Conhecer é compreender, é ser capaz de extrair de um objeto seus sentidos ou suas razões. Por isso, conhecer, longe de ser uma absorção passiva do repertório de alguém, exige do apreciador um repertório e um esforço de interpretação das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida. (SCHLICHTA; TAVARES, 2006, p.7)

Além disso, as pedagogias de combate ao racismo e às discriminações devem ser uma constante nas escolas brasileiras. As escolas devem valorizar, em todos os momentos possíveis, os saberes e fazeres das culturas de matriz africana e indígena (conforma nos diz a LDB 9.394/96), buscando, assim, através do conhecimento, desfazer uma mentalidade racista e discriminatória, superar o eurocentrismo institucionalizado e intensivar as análises críticas do mundo que nos cerca.

Para terminar, deixamos aqui uma passagem de pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) sobre os desafios da escola brasileira no sentido de valorizar a diversidade nacional:

[...] um dos desafios contemporâneos, entre vários outros enfrentados pela escola, tem sido a construção de uma educação que contribua de forma significativa para que aqueles que a constituem aprendam a respeitar as diferenças e conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira. Desse modo, discutir e problematizar as relações étnico-raciais constitui uma das condições indispensáveis para as revisões conceituais e a superação de estereótipos e de preconceitos que têm gerado, não raras vezes, desigualdades nas escolas brasileiras. (COELHO; SOARES; PADINHA, 2012, p.8).

Portanto, formar educadores conscientes da importância de seu papel como orientadores críticos e atentos pode passar, também, pela análise de obras de arte onde a representação do corpo humano registra as marcas do passado e do presente e nos leva a refletir para além dos discursos escritos nos livros de história de educação escolar.

Além disso, vale ressaltar que em época de tantas mentes fechadas, há que se ter um espírito flexível e questionador, preparando nossos estudantes para uma necessária humanização do homem atual.

Devemos, assim, interrogar as instituições, interrogar o discurso e a prática a partir da tecnologia do poder pode ser bastante construtivo para construir um pensamento que valorize, a partir do ambiente escolar, os afrodescendentes, seus saberes e seus fazeres.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo, v.01, n.02, p. 59-64. jan./abr. 1995.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.

BARBOSA, Ana Mae. Educação Artística. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

BRASIL, Assis. **Dicionário do conhecimento Estético**. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint S.A., 1984.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SOARES, Nicelma J. Brito; PADINHA, Maria do Socorro R. (org.). **Relações étnico-raciais e recursos didáticos: a utilização da música como suporte didático para o enfrentamento da questão racial na Escola Básica**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NICOLAS, Isabella Souza (org.). **O cinema brasileiro no século XX**. Rio de Janeiro, 2004.

SCHLICHTA, Consuelo; TAVARES, Isis Moura. **Artes Visuais e Música**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **The Spivak reader**. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (ed.). New York: Routledge, 1996.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of looking: an introduction to visual culture**. New York: Oxford University Press, 2005.